



O GÊNERO NA IMIGRAÇÃO: REDEFINIÇÕES DE PAPÉIS E DINÂMICAS ÉTNICAS

João Carlos Tedesco ¹

Introdução

Pouco se fala das questões de gênero no processo migratório, assim como especificamente das mulheres, a não ser para enquadrá-las em algumas dimensões negativas como prostituição, maior facilidade de exploração do trabalho, desconfiança de problemas familiares e, portanto, de fuga do espaço de origem etc.

Porém, as estatísticas nos dizem que uma das características da imigração internacional dos últimos anos, em especial para a Europa, é o motivo família; o mesmo vem crescendo muito, o que revela processos de maturação do fenômeno migratório, legislações que lhe deram algum favorecimento e interesse, bem como processos integrativos em termos sociais e no horizonte do trabalho.

A Itália é um desses casos. As concessões de *soggiorno* (permissão para permanecer no país por um tempo) por motivo família cresceram em 10 anos (98-2008) em 216%, enquanto que por motivo trabalho, que, em geral, é o que identifica mais as migrações, cresceu 88%. Na França, por exemplo, e nos Estados Unidos, o motivo família esteve (2009) em 60 e 70% das solicitações, respectivamente.² Aumentou em muito o número de mulheres que migraram nos últimos anos na Itália; em 2000, a mesma atingia 46% do total global dos imigrantes. Em dezembro de 1999, num total de 1.252.994 *soggiorni* registrados, 46,3% eram de mulheres. Esse índice vem aumentando; de 1994 a 2004, houve um incremento de mais de 35% no ingresso feminino na Itália; em 2008, o índice já subiu para 49,9%.³ A imigração brasileira é uma das que possui maior participação feminina (56%). Os imigrantes brasileiros na Itália, segundo os dados do Istat (Itália) estão na casa dos 50 mil, porém segundo o Itamaraty estão em torno de 130 mil.

É comum ouvir falar que “primeiro chegam os braços, depois chegam as famílias”; em geral, há o peso do contingente de mulheres que migram e reagrupam maridos, mas há os maridos

¹Doutor em Ciências Sociais. Professor do Mestrado em História da UPF. Email: jctedesco@upf.br.

² CANEVA, E.; CONIZZONI, P.; AMBROSINI, M. *Ritrovarsi altrove. Famiglie e ricongiunte e adolescenti di origine immigrata*. Milano: Fondazione ISMU, 2009.

³ *Dossier Statistico*. Caritas de Roma, 2009.



que reagrupam mulheres como regra mais geral ainda.⁴ Nessas realidades, em geral, a presença de filhos passa a ser fundamental no interior da família.

O presente artigo busca refletir em torno dessa dinâmica, a legislação que lhes têm possibilitado agrupar famílias, suas alterações, seus vínculos com a dimensão étnica, a segunda geração e suas repercussões no interior da família.

Teremos como espaço empírico, aspectos da imigração brasileira nas regiões Norte e Nordeste da Itália⁵, espaços esses de nossa pesquisa de campo que estamos desenvolvendo. Estaremos analisando aspectos de uma lógica de transmigração em que os fatores de ordem étnica e familiar são de fundamental importância para a viabilização do processo.

Mimetismo sócio-cultural

Imigrantes brasileiros possuem certa identificação com o território cultural do espaço de destino em razão de valores produzidos no ocidente, de concepções em torno do trabalho, da família e do uso do dinheiro, da descendência de muitos, etc.⁶ Há um capital social produzido pela descendência migratória.

Isso muitas vezes é levado em conta nos espaços de trabalho, na migração tutelada promovida por agências, associações, políticas públicas, grupos étnicos presentes no interior da Itália.⁷ Idealizações da Itália são produzidas em algumas regiões do Brasil, desejos e projetos produzidos no interior de famílias de muitos em viajar para a Itália e realizar o sonho dos pais e/ou nonos de retornar à terra natal. As identidades e identificações que são produzidas no interior das sociedades hospedeiras se constroem ou reconstroem pelos autóctones e estrangeiros também a partir desses referenciais simbólicos.

A dita “emigração de retorno” (aos descendentes) é expressão de uma identidade de “bons imigrantes”; em geral tende a ser auxiliada, beneficiada para retornar, pois são os considerados mais adaptados, os que, em teoria, terão melhor capacidade de assimilação e de serem assimilados para o trabalho, à dita e concebida genericamente cultura italiana. Não é incomum ouvir discursos

⁴ CANEVA, E.; CONIZZONI, P.; AMBROSINI, M. *Ritrovarsi...*

⁵ Pesquisamos desde 2002 aspectos da realidade da emigração brasileira para a Itália, dando ênfase aos fenômenos étnicos, as associações de intercâmbio, o papel das igrejas, as redes formais e étnicas que foram se constituindo, bem como a dinâmica das relações de trabalho. As pesquisas de campo aconteceram todos os anos desde 2002, em períodos de um a dois meses (em geral de dezembro a fevereiro, período de nossas férias acadêmicas) e se centraram nas regiões Norte e Nordeste do país por haver uma maior concentração de imigrantes e uma maior participação e mediação dos horizontes de cunho étnico (redes informais e formais, vínculos, acordos, gemellaggios, intercâmbios etc.).

⁶ AMBROSINI, M.; QUEIROLO PALMAS, L. *I latinos alla scoperta della Europa*. Milano: Franco Angeli, 2005.

⁷ GOZZIN, G. *Le migrazioni di ieri e di oggi. Una storia comparata*. Milano: Mondadori, 2005, p. 61, 72, 42, 31.



políticos na Itália nesse sentido, aliás, pode se tornar produto de uma concepção política de cunho nacionalista.

Temos a impressão que essa dimensão do *retorno* dos *oriundi* ou do *direito de retorno* (como se o *retorno* tivesse base jurídica!) pode ser considerada um retorno dos que nunca foram/estiveram; são contextos de expressão distinta. Ainda que imigrantes sejam descendentes, seus horizontes culturais e espaciais são diversos. Como diz Kawamura, esses *oriundi* acabam sendo uma população que atende às necessidades raciais e ideológicas de esfera política, das demandas do mercado de trabalho como força barata, não qualificada e, de certa forma, controlada etnicamente.⁸

Há uma tentativa de grupos em valorizar a chamada italianidade, uma italianidade “secularizada”, para não dizer burocratizada (pelos trâmites todos que envolvem a obtenção da dupla cidadania, os *gemellaggios* - acordos entre regiões *irmãs* entre os dois países -, dentre outros vínculos); não é mais aquela da dita pátria-mãe, do sujeito que viajava com a “mala de papelão”, imigrante pobre, depreciado, estigmatizado, que se localizou “in mezzo ai monti”.

A italianidade que se busca reconstituir por intermédio de grupos, associações, intercâmbios, *gemellaggios*, acordos de cooperação cultural, pela Lega Nord e seus difusores espalhados pelo Sul do Brasil, é aquela do sucesso obtido, da superação, da redenção, de uma Itália rica e de um Sul do Brasil também diferente do Norte/Nordeste, da pujança econômica dos italianos; enfim, não é uma memória de antigamente; não é do amor pátrio à antiga Itália; essa é até bom esquecer!

A imigração, desse modo, apresenta-se como um processo, como um fenômeno não-estático, construído socialmente por meio de interações entre grupos e forças sociais (imigrantes de etnias variadas, instituições públicas, políticas e jurídicas, o mercado de trabalho e agências recrutadoras de mão-de-obra); apresenta-se também como conexão entre níveis micro e macro da produção dos fenômenos sociais e dos processos que fazem a mediação entre aspectos estruturais e ações individuais.⁹

Questões de gênero no processo migratório

Não são incomuns atribuições diferenciadas das causalidades que movem homens e mulheres ao processo migratório, em geral, identificando a mulher a motivações do campo afetivo e familiar (aqui os motivos nesse horizonte são variados). Porém, é bom que se enfatize que as

⁸ KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Unicamp, 2003.

⁹ SALES, T. et al. *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998.



mulheres, mesmo com dados demonstrando crescimento, continuam sendo quase invisíveis ou agrupadas nas mesmas dimensões que os homens, porém, em processo de dependência, como alguém que vem depois, a estrada já foi aberta por homens; ou, quando o contrário acontece, os motivos não são bem visíveis e/ou racionalmente explicáveis.

Diz Assis¹⁰ que a realidade da experiência migratória é atravessada por relações de gênero. As mulheres migram não apenas por razões econômicas; há elementos no campo das identidades e representações sociais que determinados grupos e sociedades produzem em torno da mulher e em especial da mulher trabalhadora, em geral no campo da discriminação e subordinação. Por isso que se compreende porque muitas mulheres migram sozinhas ou são as primeiras a migrarem em suas famílias. Quando são maridos que migram, esses auxiliam na transformação empreendedora da esposa, pois lhes confia o investimento e gerenciamento do dinheiro enviado, “tocam a casa, os filhos ficam mais delas, não é porque tão tudo dia junto, por isso que não quero que ela trabalhe, pra que ela compense também minha ausência”, como nos disse um migrante casado que deixou esposa e uma filha de três anos no Sul do Brasil.

Os baixos salários no país de origem, somados às condições de subalternizadas em vários campos sociais, a necessidade de acompanhar a rede familiar que migrou, dentre outros aspectos, fazem da emigração feminina uma dinâmica de forte intensidade e de pouco reconhecimento ou representação de identificação social. Talvez esse processo se deva ao fato de que, como diz Vicarelli,

ocupam os postos que nós temos deixado livres, fazem os serviços que não conseguimos intercambiar com nossos maridos, desenvolvem papéis que não temos conseguido que fossem organizados civilmente pelas estruturas sanitárias e pelos quais o voluntariado não tem suficientes braços e corações.¹¹

A força de trabalho feminina continua a ser vista como subsidiária com respeito às carências e flexibilidades que as agências e estruturas sociais apresentam. A sua presença, importância, significação, condição e demanda é muito expressiva da crise do estado social no tocante à assistência familiar, aos anciãos, aos portadores de deficiências, no trabalho de enfermeira. As mulheres adentram para o terceiro setor, para horários anômalos no comércio, nos restaurantes;

¹⁰ ASSIS, G. de Oliveira. “De Criciúma para o mundo”: gênero, família e migração. *Revista Campos*. Curitiba, 33-49, 2003, UFPR.

¹¹ VICARELLI, G. (a cura di). *Le mani invisibile. La vita e il lavoro delle donne immigrate*. Roma: Ediesse, 1994, cit., p. 225.



apresentam-se como mulher e mãe num processo de reprodução de uma força de trabalho estrangeira cada vez mais estrutural na sociedade.¹²

O exemplo a seguir é expressivo dessa performance. “Faz dois anos que tô na Itália; sou filha de pequenos comerciantes em Criciúma, de uma família de cinco irmãos”. A entrevistada é formada em contabilidade, trabalhou em uma fábrica de calçados por nove anos em Criciúma. Perdeu o emprego e resolveu emigrar para a Itália. A decisão se deu pela insistência de um ex-namorado que já estava em Verona. Emigrou e ficou com conterrâneos nos dois primeiros meses até encontrar um trabalho em casa de família. Retomou o namoro e passou a viver na casa dos patrões, num andar superior da casa, local esse considerado como despensa e depósito – “vivi um ano ou mais no meio de caixas, madeira, ratos e aranhas” –. Depois de alguns meses nessa situação, seu namorado a convidou para morarem juntos. Deixou a casa de família onde também trabalhava e passou a trabalhar por hora na mesma casa e em outras. Disse-nos que ganha menos, mas tem mais liberdade, pode até fazer bico (limpeza) em outras residências em tempos vagos. Seu desejo é casar “no papel”, obter a cidadania italiana, fazer um filho – “minha idade [32 anos] não me permite esperar” –, ficar na Itália até o filho começar a estudar e depois voltar – “acho que daí, em dois, já fizemos o suficiente para viver bem, educar o filho para mais tarde, se ele quiser que venha para cá, claro, melhor do que nós”. Deseja sempre voltar para o local de origem, de sua família, de seu antigo trabalho, “mas penso melhor e resisto à tentação, à saudade, à ansiedade também. [...]. Aqui não se tem companhia, tudo vira trabalho e há um medo agora de perder o emprego”. Narra conhecer muitos brasileiros desempregados; seu companheiro já esteve também por vários meses. “Gostaria de convidar amigos; já convidei, mas tu sabe que depois tu te envolve, principalmente se não arrumam trabalho e, ta assim de brasileiros [muitos] desempregados; não dá para convidar e deixar só; eu tive auxílio de conterrâneos, porém, quando fiquei irregular, me evitaram, tinham medo, fiquei sozinha meio que pra tudo”. Enfatiza que no Brasil tinha deixado o namorado, mas na Itália passou a gostar – “Aqui muda tudo, tudo é diferente, eu, ele, as pessoas em geral, se precisa mais dos outros; primeiro pensei em arrumar o príncipe italiano, depois caí na real e vi quem eu era, como me tratavam, coloquei a cabeça no lugar e vi que é pura ilusão; se tu quer mesmo, tu consegue, mas de que jeito, nem te conto!”.

A entrevistada diz que o fato de ser *colf* e *baby sitter* (faz limpeza e cuida de crianças) não se julga inferiorizada, porém, não quer fazer isso “o resto da vida”; deseja ser valorizada no que diz saber fazer, mas tem a consciência de que isso é só no Brasil. “Aqui é melhor nem dizer que tu é

¹² DUSI, P. *Flussi migratori e problematiche di vita sociale. Verso una pedagogia dell'intercultura*. Milano: Vita e Pensiero, 2000.



formada, te dão risada ou não acreditam, ou te tratam mal porque imaginam que queira largar o trabalho ou pedir aumento”. Quer voltar para ser valorizada, “ainda que ele [o marido] não vá” depois de ter um filho. (Rosane, Criciúma, SC, dois anos na região do Vêneto – nordeste do país).

A presença de mulheres estrangeiras em trabalhos domésticos favorece a progressiva entrada das mulheres autóctones no mercado de trabalho, intensifica no interior das famílias as profundas mudanças culturais no interior das identidades de gênero no âmbito familiar/afetivo, colaboram para efetivar, no interior da sociedade hospedeira (e para eles), a refutação da chamada “ideologia da domesticidade”.

Vimos que tradicionais divisões de papéis entre homens e mulheres transferem-se em horizontes transnacionais, ao mesmo tempo em que emancipam mulheres do país hospedeiro da incumbência de atividades domésticas, de cuidados de saúde, no ingresso no mercado de trabalho extra-doméstico. De certa forma, para o caso das imigrantes, paradoxalmente, também pode acontecer certo grau de emancipação fazendo trabalhos tradicionais no país de destino.

Famílias migrantes: ampliação de situações limites

É por demais consolidada a idéia de que a imigração possui a família como elemento central, ainda que membros, isoladamente, são os que a materializam. A decisão da emigração, seu desenvolvimento, as problemáticas que a envolvem, a autorização de quem pode/deve emigrar, o retorno também, sustentação ético-afetivo, obrigação financeira e moral, vínculos, lealdade, etc., são todos elementos em que a família participa.

Com crise do sistema de *welfare* social principalmente em setores mais sensíveis como são as crianças e os idosos, o trabalho doméstico configurou-se já como um componente estrutural do mercado de trabalho; é a chamada *feminização* no setor de serviços do mercado de trabalho (essa noção é criticada por muitos analistas por desenvolver dimensões tradicionais de gênero no trabalho). O trabalho doméstico talvez seja expressão mais nítida da cadeia migratória, pois se constitui por familiares, amigas, vizinhas, parentes que se auxiliam em encontrar trabalho.

Vimos que brasileiras entrevistadas trabalham em grande quantidade em casas de família, residem com elas também; identificam o trabalho como de pouca autonomia pessoal, mas menos pesado, porém ressalvam que isso depende também de quem as contrata, da sua situação legal no país etc. As mesmas dão ênfase ao fato de exigirem emotividades, envolvimento afetivo, animação, ser/estar sempre alegre e de bom humor. As mulheres que não residem nas famílias expressam vantagens no sentido da desvinculação da convivência com patrões de uma forma mais estreita,



revelam e buscam certa autonomia pessoal, têm seu espaço habitativo, “sobra menos, temos mais custos, mas mais independência”. Elementos não econômicos passam a ser valorizados (autonomia, irregularidade, sem contratos, ganhos variados, - “não me envolvo daí, né”).

A presença das imigrantes faz com que as famílias italianas se livrem do “vile servizio”, consigam atingir status de moderna referência; são as estrangeiras que cuidam da saúde de membros familiares, e não mais as mulheres em geral; são, sim, algumas mulheres e de um referido status social e de qualificação profissional. Há estudos que demonstram que a segunda geração de imigrantes talvez não queria esse tipo de trabalho, pois vai querer mais promoção e oportunidade da sociedade que acolheu seus pais.

A figura da *badante*, por exemplo, é muito desqualificada, despersonalizada;¹³ cuidar de idosos é considerado uma atividade árdua, convive-se num corpo a corpo, cara a cara com os idosos; muitas diferenças se produzem e se encontram nessa atividade: velho/jovem, pobre/rico, imigrante/nacionais, dormir na casa/trabalho, ou seja, acaba expressando uma situação/condição de vida e de trabalho ao mesmo tempo.

Ambrosini insiste nessa idéia de que as imigrantes operam no quadro da domesticidade, a qual já foi superada por grande parte das mulheres italianas; que as imigrantes são, em muitos casos, o único sustento e esteio do ancião; que a morte do idoso pode decretar perda de trabalho; que é interessante ter presente o sistema social italiano em seu dito “welfare invisível”, baseado nem trabalho pouco ou nada reconhecido ou retribuído; não esquecer da tendência ao envelhecimento da população, ao aumento de doenças crônicas, maior fragilidade da união familiar, aumento de pessoas que vivem sozinhas, aumento da presença feminina no trabalho fora de casa, a distância entre casa e trabalho para muitos autóctones e, mesmo para alguns imigrantes, as redes familiares pouco consistentes para o auxílio e sustento social e afetivo.¹⁴

Não é incomum a realidade de brasileiras que deixaram seus filhos no Brasil sendo cuidados por idosos e, estão na Itália ocupando-se dos filhos e idosos italianos, em geral, relegadas a um nicho de trabalho desqualificado e associadas a uma imagem negativa de doméstica.

As mulheres rearticulam, em escala migratória, os valores afetivos, familiares e o agregado doméstico, deslocam as funções de reprodução social que antes eram expressivos de contextos

¹³ Idem, p. 94.

¹⁴ AMBROSINI, M. Puntelli stranieri alle famiglie italiane. In: *Famiglia Oggi*, n. 12, ano XXV, Dicembre, 2002, p. 8-13.



restritos: mulher, mãe, devoção familiar, transmissão afetiva, cuidados da saúde, maternidade, solidariedade, dádivas no interior da família etc.¹⁵

Em determinadas circunstâncias e em certos âmbitos, as atividades consideradas subalternas e precárias para as mulheres italianas, pode ser uma possibilidade de emancipação para as imigrantes (requerer maior poder de decisão da mulher na família, transformando sua auto-estima, maior protagonismo e iniciativa).

Não me arrependo de ter ficado quatro anos em casa de família, aprendi muito; só que sei que não dá pra ficar sempre, tu não agüenta. Tu nunca tem tempo pra tí, nem um canto que seja teu a não ser o teu quarto, mas quem tu trás pro quarto? [...]. Tu acaba sendo tudo pros filhos, quem tem né. Eu tinha de cuidar de dois e um idoso que depois morreu. A gente na casa é tudo, faz tudo, te deixam pra fazer tudo, compras, levando filhos pra cá e pra lá, telefonam toda a hora pra saber uma coisa ou outra. [...] Com o tempo, tu quer coisa melhor, onde tu se vira, mas tu já tem experiência né, já fez uns contatos, já ta no país há um bom tempo como era meu caso né. [...] Meu sonho é bota uma lojinha de produto brasileiro, o pessoal adora tudo o que se mostra do Brasil. (Rosângela, oriunda de Guarapuava – PR, quase três anos na Província de Treviso).

Deixar esposa e filhos, ou deixar marido e filhos, deixar filhos com avós, deslocar toda a família para espaços novos significa produzir processos de rompimento, redefinições, nostalgias, preocupações, novas experiências, novos desafios, desejos de permanência e de retorno, produzir distanciamentos (amigos, parentes, outros vínculos afetivos) e novas aproximações, solidão, isolamento social, novas relações sociais; faz repensar o conceito de família (comumente mais heterogênea).¹⁶

Dimensões transnacionais

As famílias exercem uma função ativa no cenário migratório: reinventam formas de vida e de auto-organização, adaptam-se ao novo contexto, questionam e/ou readaptam valores de tradicionais sistemas familiares (monogenitorialidade, separações e reagrupamentos). Esses processos de reconstrução obedecem às condições efetivas e limitadas que o próprio cenário migratório apresenta. Mas, ao mesmo tempo, redimensionam as *fronteiras* das famílias, ou seja, essas passam, pelo menos em parte, ser “transnacionais”, pois têm seu vivido em mundos diversos, especialmente o expresso pelo feminino, que precisa afrontar tradições (já que no passado eram, em geral, os homens que migravam), contatos com os filhos através de viagem (custos altos e viagens longas), cartas, telefone, e-mails.

¹⁵ DECIMO, F. *Quando emigrano le donne*. Bologna: Il Mulino, 2005, p. 40.

¹⁶ DUSI, P. *Flussi migratori e problematiche di vita sociale*. Verso una pedagogia dell'intercultura. Milano: Vita e Pensiero, 2000.



Pais entrevistados em algumas cidades do norte e nordeste da Itália têm clareza que os bens materiais não compensam as ausências de afeto/amor ocasionados pela presença física, mas “demonstra que os amamos e que estamos aqui por eles”. É até meio paradoxal, mas é visível que a segurança financeira caminha concomitante com a insegurança afetiva. Ganhar mais significa possibilidade de permanecer mais tempo, comprar mais coisas aos filhos, idealizar melhores condições de vida aos mesmos e, maior distância; ou, então, pode também acontecer que, com melhores condições econômicas, haja possibilidade de reagrupar a família no espaço migratório, porém, é bom que se ressalte que são poucos os casos nesse sentido.

O que se evidencia é que há uma grande dinâmica entre famílias de imigrantes que vai produzindo processos transnacionais: mães que vivem a experiência da maternidade e conjugalidade à distância, as remessas ligando também essas dimensões (envio, gerenciamento, responsabilidade, etc.). Essa realidade envolve interação entre os dois espaços (origem e destino), integração simultânea ou não, comunicação à distância, que permite manter relações afetivas sem mobilidade e encontro físico.¹⁷

Nesse horizonte relacional, vínculos continuam persistindo bem como intimidade e afetividade à distância facilitadas pelas novas tecnologias de comunicação. Nesse sentido, a imigração faz ver a importância da família na sociedade, faz ver como ela é, seus elementos variados de reprodução, sua importância, suas várias roupagens e recomposições, seus traumas e desafios, seus recursos estratégicos no além-fronteira e nos limites da presença física.¹⁸

Através da família, a imigração revela sua forte dimensão relacional, sua obrigação para com o todo – “melhorar a vida dos filhos”, “dar um melhor futuro pra eles”, é o que mais se houve dos pais. A história da família se revela nas relações que emigração produz. Quem tem mais vínculo moral e econômico com a família a transforma em seu centro de vida mesmo distante.

Alguns pais que entrevistamos revelam o temor da perda e/ou erosão da cultura do espaço de origem, das relações de pertencimento. A provisoriabilidade na Itália, ou pelo menos enquanto projeção da mesma produz um sentimento de ausência de pertencimento no espaço migratório; isso impede processos de assimilação, de inserção nos dois mundos (origem e destino). Porém, a presença de filhos nas famílias de imigrantes, em geral, tende a alterar projetos de permanência por

¹⁷ BOCCAGNI, P. Il transnazionalismo, fra teoria social e orizzonti di vita de migranti. *Rassegna Italiana di Sociologia*. Roma, 2007, p. 519-540.

¹⁸ BALSAMO, F. *Famiglie di migranti: trasformazione dei ruoli e mediazioni culturali*. Roma: Carocci, 2003.



pouco tempo, assim como a própria cultura familiar.¹⁹ Essa realidade de partir para retornar produz essas dimensões transnacionais mais fortemente.

O reagrupamento familiar, por tornar-se um fator que favorece a vida familiar pela sua dimensão da proximidade, pode também ser reprodutivo de incertezas e imprevisibilidades, incompreensões, conflitos e tensões cotidianas que o próprio novo cenário produz e que há dificuldades de solução. Não é incomum haver retorno de filhos e/ou de algum dos cônjuges em razão de conflitos produzidos no espaço migratório e, daí como nos disse o mesmo pai acima, “tudo o que se fez cai por terra, se pensava em melhorar a família e acaba se desfazendo tudo”. Tanto a separação quanto a reaproximação são realidades por si só problemáticas.

Novas exigências

Tanto no local de origem quanto se estiverem reagrupadas, são as mulheres as que mais se responsabilizam pelo cuidado dos filhos; o uso do telefone, as remessas enviadas, o retorno mais seguido das mesmas para verem os filhos. Essa dimensão da sensibilidade familiar e genitorial é mais presente e intensa nas mulheres. Vários estudos demonstram isso. Um marido nos disse que a sua mulher o pressiona toda a vez que liga tanto para enviar dinheiro como para retornar o mais breve ou, então, para decidir buscá-los todos para ficar juntos na Itália – “pensam lá que é fácil aqui, que é só ir lá e trazê-los; aqui tudo é difícil é conseguido com muito trampo e sacrifício; eu também gostaria, mas não é assim”.

Muitas mães, com a possibilidade de fazer reagrupar filhos, alteram seu horizonte de trabalho ou do tempo do mesmo. Sempre houve na realidade imigratória italiana uma certa “familiarização” dos imigrantes no interior das famílias. Com a presença de filhos isso se altera; é um percurso complexo de relações, obstáculos, imprevisões, retornos e reentradas. Por isso que nem todos que possuem a possibilidade legal de reagrupar, reagrupam.

Em geral, pais entrevistados dizem que essa possível realidade de agrupamento aumenta demais a necessidade econômica, exige uma nova gestão da vida em família e do cotidiano de trabalho, de fora dele, do ritmo da vida, habitação, o problema do processo integrativo de adolescentes, escola, língua, lazer, etc; a falta de controle e autonomia sobre esses processos todos, os burocráticos também; medo de separação total em razão dos limites, da estrutura de vida em casa, da necessidade de ampliar ganhos, do trabalho exaustivo; “do fato que depois, um quer voltar

¹⁹ SCABIBI, E.; DONATI, P. (a cura di). *La famiglia in una società multi-etnica*. Milano: Vita e Pensiero, 1993.



e o outro não, aí vira em separação, como já vi brasileiro aqui assim”. Insisto nisso, pois é uma realidade bem visível entre brasileiros com direito a lei do reagrupamento familiar e, não o fazem.

Enfim...

Não há dúvida que as questões de gênero são importantes na configuração dos fluxos migratórios: mercado salarial, filhos no interior do grupo doméstico, hierarquia e desigualdade, sustentação, mediação e proteção. Encontramos algumas brasileiras que eram casadas e emigraram para a Itália deixando esposo e algumas delas os filhos no país.

Há ordens variadas entre pais e filhos quando o reagrupamento se viabiliza. Cada situação reserva pra si complexidades. Um adolescente, há meio ano em Verona com seu pai, nos informou que se sente numa situação ambígua em termos de identidade: não se sente brasileiro em meio aos brasileiros e, também, não se sente italiano em meio aos italianos; ou então, que há desejo de voltar, mas tudo o que é feito na Itália é para permanecer; seu pai cobre do mesmo integração e relações com brasileiros, mas ao mesmo tempo, o insere nos universo de italianos (escola, cursos extra-classe, lazer, etc.).

Oh, se te contá! Foi uma decisão difícil, mas encarei; não estavam bem as coisas entre nós [marido]; duas vizinhas vieram e me mandei também. [...]. Meu marido me fez propostas e mais propostas, inclusive de acabar com tudo, mas e os filhos? Enfrentei; convenci ele que seria para experimentar e depois eu levaria todos, que seria melhor pra nós e mais futuro pros filhos. A gente pensa sempre neles também. [...]. Hoje sei que acertei porque ele entende; já faz sete meses e tamo pensando em vir todos pra cá, tenho saudade, mas aprendi muita coisa, amadureci e queria que meu marido e filhos fizessem o mesmo. (A entrevistada preferiu não ser identificada, oriunda de SC).

O depoimento demonstra a esfera familiar como espaço de conflito e de negociação, hierarquias e desigualdades, estratégias de afrontamento da autoridade masculina e de superação de papéis no seio doméstico-familiar. A entrevistada deixa claro que afrontou e/ou enfrentou a autoridade masculina, vinculou-se a redes de vizinhança e amizade e selou a proposta de, com o passar do tempo, incorporar o marido e filhos no projeto efetivo da imigração.

Os cônjuges, em geral pais, alteram seus códigos estabelecidos, principalmente os que legitimam papéis definidos de dominação, de opressão de gênero.²⁰ Não é fácil, como uma nos disse, “estar fora e querer tomar comando da casa, temos de abrir mão disso; se perde alguma coisa e se ganha em outra”.

Um entrevistado que nos informou uma residência vizinha da sua em que a mulher “deixou o marido e se mandou pra Itália”, disse-nos que,

²⁰ DECIMO, F. *Quando emigrano...*



Tu já pensou de uma hora pra outra ela [mulher] me diz, “olha, toma conta de tudo que eu to indo com a fulana de tal pra Itália”; foi o que aconteceu com o [nome do vizinho]. Tu já imagina uma coisa dessas? Mas te digo que foi o que aconteceu. Ainda que aqui, como tu mesmo disse, tem muita gente saindo, é normal ouvir falar de gente que vai e gente que volta. Mas, te digo que o vivente ficou sem saber como reagir, claro que não aceitou, mas tu sabe, ela quis ir junto com a irmã, tinham certo que era pra poucos meses, tudo arrumado lá, trabalho, essas coisas, não, de outras, né que já tavam lá. Eu sei que se é comigo não deixo nem por quanto dinheiro for; tu fica mal visto, vai lá sabê o que se passa por lá, porque tu sabe que esse negócio de só uns meses, é conversa, vão e não voltam já, ficam atraída pelo dinheiro e pela vida nova, sem os compromisso da família. Foi assim que aconteceu aqui e, não são poucos que deixaram o marido, ou os pais, namorado e se mandaram. (Entrevistado de Criciúma, SC).

Os maridos se sentem desprestigiados em sua identidade econômico-simbólica de pai/esposo. A simbologia do sucesso e prestígio recai sobre a emigrante e, não sobre quem fica. A promessa de recomposição da família, do futuro melhor para os filhos racionaliza e legitima separações físicas temporárias, porém como mulheres na Itália e maridos de outras no Brasil nos informaram, “muita coisa muda; a distância e a saudade faz a gente pensar se vale a pena. Os filhos crescem e tu abre mão disso, a vida em família, pelo sonho de ganhar mais dinheiro; é uma vida desgraçada nesse ponto viu”.

Nesse horizonte, estão em jogo múltiplos processos, dentre eles a transnacionalização dos papéis reprodutivos e de gênero em especial no espaço do trabalho (nesse campo a migração não altera grandes coisas), reafirmação e/ou redefinição de status, perda desse, assim como prestígio social, notoriedade, poder, delegações a terceiros no cuidado de filhos, na vigilância em torno da fidelidade conjugal, a domesticidade, machismo etc. No fundo, tudo isso está presente e dinamizando situações e decisões.

Referências bibliográficas

- AMBROSINI, M. Puntelli stranieri alle famiglie italiane. In: *Famiglia Oggi*, n. 12, ano XXV, Dicembre, 2002, p. 8-13.
- AMBROSINI, M.; QUEIROLO PALMAS, L. *I latinos alla scoperta della Europa*. Milano: Franco Angeli, 2005.
- ASSIS, G. de Oliveira. “De Criciúma para o mundo”: gênero, família e migração. *Revista Campos*. Curitiba, 2003, UFPR, p. 33-49.
- BALSAMO, F. *Famiglie di migranti: trasformazione dei ruoli e mediazioni culturali*. Roma: Carocci, 2003.
- BOCCAGNI, P. Il transnacionalismo, fra teoria social e orizzonti di vita de migranti. *Rassegna Italiana di Sociologia*. Roma, 2007, p. 519-540.
- CANEVA, E.; CONIZZONI, P.; AMBROSINI, M. *Ritrovarsi altrove. Famiglie e ricongiunte e adolescenti di origine immigrata*. Milano: Fondazione ISMU, 2009.



DE VINCENTI, A. M. Le badanti: um nuovo mestiere: In: *La Critica Sociologica*. Roma, n 1, Autunno, 2009, p. 91-97.

DECIMO, F. *Quando emigrano le donne*. Bologna: Il Mulino, 2005.

DOSSIER STATISTICO 2009. Caritas de Roma, 2009.

DUSI, P. *Flussi migratori e problematiche di vita sociale. Verso una pedagogia dell'interculturalità*. Milano: Vita e Pensiero, 2000.

GOZZIN, G. *Le migrazioni di ieri e di oggi. Una storia comparata*. Milano: Mondadori, 2005.

KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Unicamp, 2003.

SALES, T. et al. *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCABIBI, E.; DONATI, P. (a cura di). *La famiglia in una società multietnica*. Milano: Vita e Pensiero, 1993.

VICARELLI, G. (a cura di). *Le mani invisibile. La vita e il lavoro delle donne immigrate*. Roma: Ediesse, 1994.